

## Trajatória e Identidade Cultural na Comunidade Negra Rural de Lagedo – Mirangaba-BA

---

*Marcelo Nunes Rocha<sup>I</sup>*

*Carmélia Aparecida Silva Miranda<sup>II</sup>*

**Resumo-** O trabalho busca apresentar um panorama da trajetória de uma das muitas comunidades negras rurais do sertão baiano, Lagedo. Essas localidades de população rural majoritariamente negra também são conhecidas como “comunidades quilombola” ou “remanescentes de quilombo”. A comunidade de Lagedo está situada na divisa territorial dos municípios de Mirangaba e Saúde, nas serras da microrregião de Jacobina – BA. A pesquisa também procura contribuir com o debate acadêmico, social e político acerca dos direitos das populações negras rurais por meio da problematização de conceitos cristalizados e hegemônicos que permeiam esse debate.

**Palavras-Chave:** Quilombo; Trajetória; Comunidade; Lagedo.

### **Trajectory and Cultural Identity on the Rural Black Community of Lagedo – Mirangaba-BA**

**Abstract-** The study aims to present an overview of the path of on of many rural black communities of Bahia, Lagedo. These localities of predominantly black rural population are also known as “quilombola communities” or “remnants of quilombo”. The Lagedo community is situated in the territorial border of the townships of Mirangaba and Saúde, on the hills of the micro region of Jacobina-BA. The research also seeks to contribute to the academic, social and political debate about the rights of rural black populations through questioning of hegemonic and crystallized concepts permeating this debate.

**KeyWords:** Quilombo; Trajectory; Community; Lagedo.

Artigo recebido em 30/03/14 e aceito em 15/06/14

# TRAJETÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE LAGEDO- MIRANGABA- BA

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

*Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra.*

Bob Marley

## **Introdução / Apresentação**

O presente estudo intitulado "Trajetória e Identidade Cultural na Comunidade Negra Rural de Lagedo - Mirangaba-BA" tem como proposta contribuir para o enriquecimento dos debates teóricos e políticos acerca dos chamados "remanescentes de quilombo" e seus direitos. Estudamos a trajetória de uma das comunidades negras rurais baianas, no território conhecido como Lagedo, localizado nas regiões dos municípios de Mirangaba e Saúde, ambos na microrregião de Jacobina-BA. O objetivo da pesquisa foi fazer um levantamento histórico da trajetória dessa população desde seus primeiros habitantes, procurando compreender um pouco de suas tradições, costumes, lutas e desafios, bem como investigar se realmente a comunidade foi área de quilombo ou mesmo agrupamento de libertos.

Procurou-se também investigar e instigar o debate acerca da validade epistemológica e conceitual das terminologias "quilombola", "remanescente de quilombo", e "quilombo contemporâneo", largamente utilizados pelo discurso oficial do governo, do Movimento Negro Unificado e de amplos setores do meio acadêmico que se debruçam sobre o tema. Tal problemática nos inquieta, pois uma vez que tais conceitos são pensados e forjados fora do ambiente das comunidades negras rurais, e por agentes também externos a elas, estes acabam se configurando como identidades exógenas, que lhes são praticamente impostas verticalmente, uma vez que para ter direito e acesso aos benefícios do Estado essas populações são "coagidas" a reconhecerem-se oficialmente como quilombolas, muitas vezes sem nenhuma compreensão do significado histórico-cultural dessa terminologia.

É evidente que a década de 90 do século passado representou uma nova realidade social e política para as comunidades negras rurais, pois com a pressão exercida pelos vários setores da sociedade civil organizada, intelectuais de diversos seguimentos e movimentos sociais, especialmente o Movimento Negro Unificado, que atuando enquanto carro chefe dessas demandas sociais, permitiram a essas comunidades um ganho em visibilidade. Até então viviam isoladas, algumas sofrendo pressão de latifundiários e outras limitações como desassistência do poder público local, muitas delas não tinham se quer como comprovar legitimamente a posse de suas terras devido à ausência de documentação de posse escrita. Com a Constituição de 1988 e a criação da Fundação Cultural Palmares, essas comunidades têm aos poucos conseguido alcançar alguns direitos.

## **Apontamentos Historiográficos**

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

Para fins analíticos, fez-se importante uma rápida retrospectiva dos autores que se debruçaram sobre a questão do quilombamento, pois a discussão e produção acadêmica acerca do fenômeno socioespacial e cultural denominado *quilombo* não é recente. Apesar de não ser tão vasta a bibliografia que aborda o tema, desde a década de 1930 do século passado nomes como Arthur Ramos, Edison Carneiro e Roger Bastide<sup>III</sup> um pouco posteriormente - todos revisionistas dos estudos de Nina Rodrigues - já se debruçavam sobre essa forma peculiar de resistência a escravidão, analisando-a através de uma ótica da cultura, na qual o quilombo representaria a única forma de defender-se do “aculturamento” eurocentrista subsidiado pelo sistema escravista, seriam eles, portanto, “células africanas” em território americano<sup>IV</sup>.

A partir da década de 1960 uma forte influência marxista marca os trabalhos de Clóvis Moura, Décio Freitas, Alípio Goulart e Luís Luna. Eles tentaram explicar o fenômeno do quilombamento e outras formas de resistência negra através do paradigma da “luta de classes”. Para os seguidores dessa corrente o quilombo constituía-se num reduto rebelde onde era negada e combatida a ordem escravista vigente. Palmares<sup>V</sup> seria o perfil de reduto rebelde por excelência, a “revolução”, inclusive, não teria acontecido devido a ausência de uma “consciência de classe” plenamente formada entre os escravos. Para além disso, os marxistas foram os primeiros a defender a existência de laços entre quilombados e escravos, e destes com outros segmentos sociais.<sup>VI</sup>

A partir das últimas décadas, no bojo dos novos estudos e da nova história social da escravidão, os trabalhos sobre quilombos têm se expandido bastante o leque de possibilidades de interpretações das historicamente desassistidas dimensões rituais e simbólicas da vida coletiva. Outro grande avanço desta renovada historiografia foi a superação do “mito do isolamento quilombola”, através do estudo exaustivo das fontes escritas oficiais e orais foi possível rastrear vínculos dos quilombados com a sociedade colonial mais ampla. No tocante a essa questão, Flávio dos Santos Gomes desenvolveu o importante conceito de “campo negro” para caracterizar uma ampla e dinâmica gama de laços e relações socioculturais e principalmente comerciais existentes em um abrangente recorte espacial. Esses avanços não significam que essas novas safras de estudos tenham abandonado por completo as perspectivas culturalistas e marxistas, no entanto deixou-se de procurar reminiscências africanas nos quilombos e os estudos marxistas superaram o seu economicismo ortodoxo.

### **Comunidades Quilombolas: Questões Teóricas E Conceituais**

A pesquisa fundamentou-se principalmente na fonte oral, uma vez que foi através desta que obtivemos acesso às memórias e experiências dos moradores dessa comunidade em sua atividade de rememoração. O uso da oralidade na presente pesquisa constituiu-se no próprio eixo norteador da mesma, pois os relatos da população de Lagedo foram, desde o princípio das atividades, pré-requisito para qualquer avanço no estudo, inclusive para se ter acesso a fontes de natureza documental. Concordamos com Janaina Amado e Marieta Ferreira<sup>VII</sup> quando argumentam que “o uso sistemático do testemunho oral possibilita a

TRAJETÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE LAGEDO-  
MIRANGABA- BA

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

história esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidas ou elucidados de outra forma”.

Complementou-se o acervo de fontes com a documentação escrita relativa à comunidade, entendendo-se por esse termo os documentos oficiais e extraoficiais como registros de associação, livros de atas de reuniões, relatórios de vulnerabilidade socioeconômica e dados institucionais do poder público regional, encontrados nas próprias comunidades e nos municípios que as representam. Garimpamos também material jurídico do Ministério da Cultura do Governo Federal, essa diversidade de fontes foi importante para se pensar as múltiplas possibilidades de cruzamento de informações e complementaridade entre elas. Essa gama de fontes foi trabalhada à luz de uma bibliografia fornecedora do suporte teórico norteador da pesquisa, tal bibliografia procurou contemplar desde uma historiografia clássica e pioneira nos estudos sobre quilombos no Brasil, trazendo autores como Roger Bastide, Arthur Ramos e Edson Carneiro, até trabalhos com discussões mais atuais trazidas por historiadores com João José Reis e Flávio dos Santos Gomes e Glória Moura, que discutiram sobre quilombos numa perspectiva mais contemporânea.

A historiadora Glória Moura no artigo “Os Quilombos Contemporâneos e a Educação”, traz uma frutífera discussão a respeito da aplicação de alguns desses conceitos acima citados, especialmente o de “quilombo contemporâneo”. No trabalho, esta terminologia é definida para caracterizar comunidades rurais compostas majoritariamente por habitantes negros, possivelmente descendentes de escravos, que possuem laços de parentesco entre si, vivendo quase sempre da agricultura de subsistência nas terras historicamente ocupadas pelo grupo, terras estas que podem ter sido doadas, compradas ou simplesmente apropriadas. Essas populações negras rurais cultuam e perpetuam valores e culturas de seus antepassados e compartilham de um passado e de uma identidade histórico-cultural comum.

Segundo João J. Reis e Flávio dos S. Gomes, o próprio termo quilombo deriva da terminologia africana “kilombo”, uma sociedade iniciática de jovens guerreiros *mbundu* adotada pelos invasores *jaga*<sup>VIII</sup>..., estes formados por gente de vários grupos étnicos desenraizados de suas terras. Nota-se aqui, portanto, a apropriação de uma terminologia genuinamente africana para caracterizar a fuga de homens e mulheres africanos do sistema e da sociedade escravocrata brasileira. No quilombo (que não é o mesmo “kilombo” africano) essas pessoas buscavam recriar seus antigos modos de vida, cultura e valores que ficaram do outro lado do Atlântico. Trago essa discussão para explicar, sob a luz das ideias de Reinhart Koselleck<sup>IX</sup>, que a terminologia “quilombo”, sendo mais que uma palavra, pois de fato é um conceito, foi forjado num determinado contexto histórico social e político para caracterizar determinado fenômeno desta realidade específica, e sua utilização na tentativa de definição de um fenômeno atual, em outro contexto, constitui um anacronismo.

Sobre o “quilombo contemporâneo” Glória Moura<sup>X</sup> afirma o seguinte: “o movimento negro contribuiu significativamente para ressaltar a importância do estudo dos quilombos na história do país, mas acabou por reificar o conceito, considerando os agrupamentos quilombolas como nichos culturais autônomos, pedaços da África no Brasil”. A afirmação acima nos leva a compreender que a questão aqui discutida, para além de uma problemática

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

de caráter conceitual, perpassa também por outra de natureza marcadamente ideológica. Isso se mostra no fato de o Movimento Negro Brasileiro, que muito contribuiu para o reconhecimento jurídico do devido direito a terra que possuem essas populações - e não é o objetivo do presente estudo negar isso - reificar a expressão “quilombo” no intuito de carregar de simbologias essas emergentes comunidades negras, tornando-as supostas provas humanas da resistência histórica dos africanos diásporizados.

O que há nosso ver é problemático, é que muitas das populações rurais afro-brasileiras não se reconhecem nesse discurso político-ideológico formulado e teorizado para defini-las. Ao menos é o que foi observado durante as pesquisas de campo do projeto de pesquisa “Trajetória das Populações Afrodescendentes da Microrregião de Jacobina”<sup>XI</sup> entre meados de 2012 e 2013, que contemplou diversas comunidades oficialmente reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, inclusive Lagedo, foco da presente pesquisa. A ideia do que vem a ser remanescente de quilombo ou mesmo “quilombola” é muito vaga na mentalidade da maioria dos moradores da comunidade. Quando perguntado sobre o significado de ser quilombola, e se as pessoas de Lagedo se reconhecem como tal, Joaquim Santana de Azevedo<sup>XII</sup>, atual presidente da Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola do Lagedo nos diz o seguinte:

É eu acho que sim, todo mundo concorda assim que somo tudo sofrido né, os quilombola, são sofrido, sofredor né. Quilombola, tipo aquelas pessoas, é assim, parece que assim, é, descendência negra né? Negra, tipo aqueles escravo que o pessoal foi muito sofrido. É que nem tô dizendo, a gente quando adoecia aqui ia pa cidade era na rede, aí ia pa ter socorro era na rede né.

Estes pequenos agricultores, por viverem distantes dos centros urbanos e pouco contribuírem em termos de renda para os mesmos, são completamente esquecidos pelo poder político local e regional, e por consequência, privados de benefícios e direitos fundamentais como educação e saúde. É a lógica perversa da política brasileira em todas as escalas, da local à federal, educação pública precária (no caso em questão, a ausência da própria escola) para as massas, evitando o seu empoderamento. A grande maioria do povo de Lagedo não compreende o significado histórico-cultural do “quilombo”, mesmo porque ninguém os educou para isso, quando compreendem, o fazem de forma negativa, associando-o ao escravo que só trabalhou e sofreu na vida, e por esse mesmo motivo, negam tal ancestralidade, alguns nem se reconhecem como negros.

### **Lagedo e sua Trajetória**

Lagedo está localizado a 16 km do município de Mirangaba e a 26 km do município de Saúde. A localidade se encontra na região fronteira entre os dois municípios, dessa forma, cada município possui uma parte do território. As pesquisas de Rafael Rodrigues<sup>XIII</sup>

TRAJETÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE LAGEDO-  
MIRANGABA- BA

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

evidenciam que as primeiras chegadas na região do atual município de Saúde aconteceram em princípios do século XVIII. Os responsáveis por tais feitos foram bandeirantes em busca de minas de ouro. O território conhecido como Vale do Papagaio, onde está situado o atual município de Saúde, pertencia à jurisdição da Vila do Sahy. Há partir da segunda metade do século XVIII o vale do Papagaio passa então a integrar da Vila de Bom Jesus da Glória, que posteriormente se tornaria a freguesia de Santo Antônio da Villa de Jacobina. Por essas informações se tem uma noção aproximada da dimensão gigantesca que a região de Jacobina possuía.

De acordo com informações contidas no Termo de Declaração da Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola do Lagedo<sup>XIV</sup>:

Muito tempo antes da abolição da escravatura, o negro Quitério comprou a Carta de Alforria, e mudou-se com a família para a fazenda Lagedo, localizada entre Saúde e o Município de Mirangaba, hoje reconhecida pela jurisdição de Mirangaba/BA, onde a generosidade do solo permitia plantar a mandioca, o café, a banana, a batata, o andu e o milho, para a subsistência, e a comunidade foi crescendo.

Um pouco a frente a mesma documentação afirma que “Após a Abolição, um expressivo contingente de homens livres foi morar no Lajedo, assim o Quilombo dos Quitérios prosperou”. Essas informações sugerem a formação de vários núcleos de povoamento compostos majoritariamente por negros, fugidos ou alforriados, nas matas das serras das Jacobinas. Esses homens e mulheres provavelmente se sentiam atraídos pelas possibilidades de encontrar metais preciosos, ouro principalmente. Aos libertos isso poderia significar uma possibilidade de enriquecimento, e aos ainda escravizados significaria o alcance do mais precioso dos bens, a tão sonhada liberdade.

Ao longo da pesquisa, pensamos que talvez a história de Quitério não passasse de um mito fundador, entretanto, à medida que foram surgindo fontes de naturezas diversas sobre o personagem, passamos a cogitar a sua real existência, e investigá-lo com mais afinco. Fomos buscar informações na memória de seu Inocêncio dos Santos<sup>XV</sup>, 88 anos, o mais velho morador de Lagedo, nascido em Mirangaba – Ba, seu Inocêncio mudou-se para Lagedo em 1939. Quando perguntado se ouvira falar de “um tal Quitério”, ele prontamente respondeu: “Conheci, eu era casado na família deles, os veio antigo não, mais os fio, os neto, eu casei com uma fia deles. Mas o Quitério é esse mermo, que morrero lá”. Seu Inocêncio se casou com uma neta legítima de Quitério, não chegou a conhecê-lo em pessoa, mas ouviu muitas histórias de sua sogra a respeito do pai. Perguntado a respeito de lembranças sobre histórias de escravos e cativo, seu Inocêncio dá o seguinte relato:

Os cativo eu via o meu avô contar, que os cativo trabalhava no ouro, e panhava um... num tem esses borrachão de botar carne, aquelas coisa, eles enchia de

TRAJETÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE LAGEDO-  
MIRANGABA- BA

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

pedra e fazia eles panhar, se eles num botasse no lombo caia no reio. Que foi Dom Pedro II.

Por o que tudo indica, o avô de seu Inocêncio, o senhor Gregório dos Santos, foi contemporâneo das últimas décadas do regime escravista brasileiro, e parece ter, inclusive, presenciado o trabalho escravo nas minas de Jacobina, entretanto não era escravo. A julgar por tanta movimentação comercial-mineradora no entorno da microrregião de Jacobina, julgamos pouco provável a formação de quilombos justamente nas serras do Lagedo, onde essa exploração foi extremamente intensiva, tendo alcançado o início do século XX. Sabemos, e os escravos sabiam mais ainda, que um campo de refugiados cativos deveria ser o mais distante possível da sociedade escravista, Lagedo portanto, deve ter surgido como um agrupamento de libertos, que ali se sedentarizaram por se localizar próxima a atividade mineradora, além de oferecer um bom solo para o cultivo de viveres de primeira necessidade.

Em sua obra, o memorialista saudense Raimundo Pereira Morais<sup>XVI</sup> parece concordar em partes com a ideia aqui apresentada. A partir do ano dois mil, o memorialista passou a realizar uma série de entrevistas com as pessoas mais representativas da comunidade saudense, desde os homens ilustres às figuras folclóricas. Sabe-se dos cuidados relativos ao trabalho com a presente modalidade de fonte, justificamos o seu uso pelo intuito que buscar o máximo de narrativas a respeito do nascimento de Lagedo enquanto comunidade. O autor afirma que Quitério era escravo do poderoso coronel Joaquim Malta, o qual ainda possui muitos descendentes e terras no atual município de Saúde. Certa data, Joana, uma de suas escravas deu a luz a uma bela menina mulata, a que dera o nome de Mariazinha.

Mariazinha, filha de Joana, cresceu e ficou na fazenda, se tornando companheira de Maria Isabel<sup>XVII</sup> na Casa Grande do Coronel. Mariquita ensinava a Mariazinha a ler e escrever. Rosalvo, filho do Coronel, se apaixonou por Mariazinha e tudo fez para conquistar a bonita escrava.

Ao tomar conhecimento do romance entre os dois, o coronel Joaquim Malta teria ficado furioso e ordenado a seu filho que desistisse de Mariazinha e procurasse uma moça de tradição familiar que não manchasse o nome da família Malta. Vendo que Rosalvo não deixaria Mariazinha, o coronel mandou chamar seus escravos Joana, mãe da moça, e Quitério, companheiro de Joana. Concedeu alforria aos dois e ordenou que desaparecessem e levassem Mariazinha. Os três, fugindo da ira do coronel, refugiaram-se nas serras do Lagedo, onde passaram a viver. Esta é uma das versões da trajetória de Quitério que se enraizou na memória coletiva dos habitantes mais velhos de Saúde, ela possui algumas divergências com relação à versão encontrada no termo de declaração da Associação Comunitária de Lagedo, onde o texto afirma que Quitério teria comprado sua alforria e se mudado com a família, que provavelmente já era alforriada, para o território.

## TRAJETÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE LAGEDO- MIRANGABA- BA

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

O fato é que todas as fontes escritas afirmam que após a abolição, inúmeras famílias de ex-escravos foram se juntar a Quitério e seus descendentes, onde passaram a cultivar café, banana, mandioca, feijão, dentre outros produtos. O caderno de atas da Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola de Lagedo informa que:

Os moradores do Quilombo eram pacatos e obedeciam, sem restrições, ao velho Quitério. O Quilombo desapareceu depois da morte de seu fundador, em 1911. Ainda existem remanescentes dos Quitérios, os quais vivem na mesma área do antigo Quilombo.

Quanto a estes “remanescentes dos Quitério” a que se refere o texto acima, conhecemos e entrevistamos um de seus bisnetos, Gilberto Inocêncio dos Santos<sup>XVIII</sup>, agricultor, 39 anos, ex-presidente e um dos fundadores da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais da Comunidade. Ele não conheceu o bisavô, mais se recorda das conversas da avó, a respeito do mesmo:

...rapaz eu sou duma família chamada Quitério, é, Quitério mermo, ela dizia “ô Gilberto diz que nois é duma família dos Quitério aí que vêi pra cá”, mais digo, rapaz eu nem sei donde era meu bisavô ó, eu sei que ele chamava Quitério, aí minha avó chamava Fermina...

É curiosa a maneira que a documentação da Associação retrata a comunidade, ainda mais se considerarmos que sua produção se destinou a Fundação Cultural Palmares durante o processo de reconhecimento. Ao afirmar que “o quilombo desapareceu depois da morte de seu fundador, em 1911”, o texto parece sugerir que o território já foi um quilombo, porém não é mais, e essa ideia fica reforçada no trecho “ainda existem remanescentes dos Quitérios, os quais vivem na mesma área do antigo quilombo”. Na verdade, se analisado com clareza, Lagedo nunca foi quilombo, se assim o concebermos em sua conceituação clássica, pois sua formação se deu por obra de homens e mulheres livres que não buscavam exatamente uma fuga da sociedade escravocrata, e sim uma melhor adaptação a esta. Entretanto, concluímos que de fato Lagedo começou com um escravo alforriado de nome Quitério, que deve ter alcançado suas terras em torno das últimas décadas do século XIX.

### **Identidade Cultural**

Os estudos brasileiros sobre comunidades quilombolas da última década têm cada vez mais se preocupado, com a questão da identidade, uma vez que o auto reconhecimento dessas populações enquanto “quilombolas” é pré-requisito necessário para qualquer pretensão ao

TRAJETÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE LAGEDO-  
MIRANGABA- BA

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

reconhecimento legal. Carmélia Miranda em seu livro sobre a comunidade negra rural de Tijuacu – Ba<sup>XXIX</sup>, se utiliza da conceituação de identidade elaborada por Stuart Hall<sup>XX</sup> para analisar a identidade cultural dessa população. Segundo o autor caribenho a identidade do sujeito contemporâneo ou pós – moderno é fragmentada, dinâmica e líquida, em oposição a ideia fixa e imutável da noção de identidade do sujeito moderno. Segundo Kathryn Woodward<sup>XXI</sup> a identidade é relacional, ela só pode existir em relação e especialmente em oposição a outra identidade, é esse princípio que norteia o trabalho de Daiana Perogil<sup>XXII</sup>, que afirma que:

Assim são com os negros quilombolas, que possuem uma identidade diferenciada dos demais negros da sociedade, pelo fato de estar sobre um território, marcado de símbolos e ancestralidades, sendo estes descendentes de um mesmo sujeito, que no passado sofreu com a escravidão ou não, possuindo uma relação diferenciada com o território, permitindo assim a diferenciação destes sujeitos negros quilombolas, em relação aos demais afro-descendentes.

Em sua dissertação de mestrado Jucélia Bispo estuda a etnicidade na comunidade quilombola de Olaria, localizada no município de Irará – Ba<sup>XXIII</sup>. A autora argumenta, à luz da teoria de Fredrik Barth e seu conceito de “fronteira étnica”, que nessa localidade a identidade em seu sentido *stricto* de pertencimento é demarcada hegemonicamente pelos traços étnicos, apesar de diversos outros fatores como a memória do cativo, a ancestralidade comum e a situação econômica exercerem influência, são indiscutivelmente os fenótipos raciais como a cor da pele que define “quem é de dentro e quem é de fora da comunidade”, especialmente porque existem atritos com comunidades de população hegemonicamente branca nas suas proximidades.

A questão da identidade cultural em nossa contemporaneidade se encontra em processo de produtivo debate, curiosamente decorrente da crise na qual se encontra imersa. Segundo Stuart Hall, esta aminética perda de consciência de se, enquanto sujeito histórico sociocultural e político vêm se desenvolvendo com considerável intensidade a partir das três últimas décadas do século XX, e se intensificando especialmente a partir da gênese do processo de unipolaridade global, o suposto “fim da história”<sup>XXIV</sup>. Essa nova conjuntura não atingiu somente as identidades culturais ditas “civilizadas e globalizadas”, seus desdobramentos alcançaram até mesmo as velhas identidades periféricas, tão sólidas e profundamente enraizadas no seu tradicional mundo social e cultural local, apesar de historicamente marginalizadas pelo nosso civilizado e progressista “modus operandi” de vida.

É nesse contexto de atual crise identitária que emerge a importância de se estudar as comunidades negras rurais, buscando na tradição de seus habitantes os vestígios de sua singularidade cultural, pois só através do conhecimento do valor de sua própria cultura os sujeitos partícipes dessas comunidades poderão se reconhecer individual e coletivamente. Essas populações se inserem perfeitamente na categoria das acima citadas “velhas identidades periféricas”, uma vez que não as podemos considerar como segmentos sociais efetivamente inseridos e localizáveis na cadeia de produção e consumo da sociedade capitalista. Há,

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

inegavelmente, um caráter de resistência no modo de sobreviver da maioria dessas comunidades, Lagedo é uma delas, sua agricultura de subsistência, o auxílio mutuo e gratuito no trabalho com a terra e sua religiosidade configuram uma dinâmica que se encontra na contramão do que reza a bíblia neoliberal capitalista.

Ao longo da pesquisa nos apoiamos principalmente nas conceituações de identidade de Stuart Hall, teórico que define o sujeito pós-moderno como não tendo uma identidade fixa, monolítica e imutável, neste sujeito:

A identidade torna-se uma celebração móvel formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas... A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente<sup>xxv</sup>.

Acreditamos que à luz dessa teorização, podemos pensar as identidades da população de Lagedo de maneira mais dialética e menos rígida, como constante transformação e rearticulação, eterno construir e desconstruir, justamente para questionar a legitimidade e historicidade dessa identificação de “remanescente de quilombo”, que a primeira vista mostra-se como uma construção exógena.

### **(In) Conclusões**

A medida que se conclui uma pesquisa, muitas questões não resolvidas aparecem diante de nossos olhos. Na medida de nossas potencialidades e limitações procuramos apresentar os muitos problemas, institucionais, conceituais e políticos que cercam hoje a questão das comunidades negras rurais, suas lutas, desafios e direitos perante a sociedade e o Estado brasileiro, que inegavelmente possuem uma dívida histórica para com as mesmas. Acreditamos que o avanço nas políticas de reparação para com essas populações demanda certo distanciamento em relação aos “romantismos ideológicos” que permeiam o discurso hegemônico sobre as mesmas, dessa forma é preciso encarar a realidade como ela se apresenta.

Não se trata, por exemplo, de garantir o direito à terra a quem necessariamente se reconheça enquanto descendente de escravo, pois essa é uma categoria muito pouco esclarecida, e que talvez deva até ser superada. O que define essa ancestralidade? A cor da

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

pele? Se isso for, quanto por cento da nossa população se enquadra nessa categoria? E quando, afinal, os brasileiros negros deixarão de ser descendentes de escravos? Será que não esta na hora de serem descendentes de brasileiros? Ou será que “brasileiro” é uma categoria exclusiva pra brancos descendentes de europeus? Sabemos que os negros brasileiros, em sua maioria, vivem no porão da sociedade, estejam eles no campo ou no meio urbano, não precisamos nos remeter ao passado para saber de suas necessidades atuais, o presente fala por se, portanto, esse deve ser o critério para a efetivação das políticas compensatórias, a situação presente dessas populações, logo, o direito a terra deve ser garantido àqueles que dela necessitam, independentemente da cor da pele.

Estamos cientes de que as interrogações foram muitas para uma seção reservada a conclusão, no entanto a intenção foi exatamente esta, instigar a reflexão a respeito de velhas retóricas que, a nosso ver, se perpetuam de forma a transformar as discussões raciais em “lugar comum”, com palavras e ações previsíveis. Sentimos falta de propostas mais ousadas sobre a temática, uma renovação na área perpassaria por indagações do tipo: quem foram os “remanescentes de quilombo” durante quase um século em que essa população negra rural viveu “ao sul da história”<sup>XXVI</sup>? Como esses sujeitos passaram a se reconhecer e ser reconhecidos após a abolição, quando perde a identificação de escravo? Como o identificaríamos durante esse período que podemos chamar de “ressaca do cativo”, o qual compreende exatamente um século entre 1888 e 1988, exatamente quando começam as primeiras brigas jurídicas em torno da questão fundiária entre grandes proprietários e populações negras rurais no Brasil?

## Notas

---

<sup>I</sup> Graduando em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV – Jacobina. Atual bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. Este trabalho foi viabilizado através de uma bolsa de Iniciação Científica financiada pelo PIBIC (CNPq) entre agosto de 2012 e julho de 2013.

<sup>II</sup> Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV – Jacobina. Professora permanente do Mestrado em História Regional e Local e do Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, ambos localizados no Campus V – UNEB – Santo Antônio de Jesus. E-mail: carmelia15@hotmail.com

<sup>III</sup> É importante destacar, porém, que Roger Bastide já chamava a atenção à possibilidade de haver contatos entre aquilombados e indígenas, contestando pioneiramente a ideia do isolamento quilombola.

<sup>IV</sup> REIS, João José; Gomes, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>V</sup> FREITAS, Décio. *Palmares: a guerra dos escravos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

<sup>VI</sup> GOMES, Flávio dos Santos. *A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil, (Século XVII-XIX)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

<sup>VII</sup> AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de

TRAJETÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE LAGEDO-  
MIRANGABA- BA

MARCELO NUNES ROCHA  
CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA

---

Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>VIII</sup> REIS, João José; Gomes, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>IX</sup> Reinhart Koselleck foi um dos grandes nomes da historiografia alemã no século XX, foi o fundador e principal teórico da chamada história dos conceitos, a obra que auxiliou na fundamentação desse trabalho se chama “Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos”. *Revista Estudos Históricos*, Vol. 5, No 10 (1992).

<sup>X</sup> MOURA, Glória. “Os Quilombos Contemporâneos e a Educação”. *Revista Humanidades*, n. 47, novembro de 1999. Brasília: Editora UNB, 1999.

<sup>XI</sup> O projeto “Trajetória das Populações Afrodescendentes da Microrregião de Jacobina” foi criado e é coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr. Carmélia Aparecida Silva Miranda, que desde o ano de 2009 estuda as comunidades negras rurais de Jacobina e adjacências.

<sup>XII</sup> Entrevista concedida por Joaquim Santana de Azevedo (37 anos, Agricultor, Presidente da APPCQL, morador do Lagedo) no dia 01/12/2012).

<sup>XIII</sup> FILHO, Raphael Rodrigues Vieira. *Os negros em Jacobina (Bahia) no século XIX*. / Raphael Rodrigues Vieira Filho. – São Paulo: Annablume, 2009.

<sup>XIV</sup> Ordem Dos Advogados Do Brasil. Subseção De Jacobina Bahia. Termo De Declaração Da Associação Dos Pequenos Produtores Rurais Da Comunidade Quilombola Do Lagedo. Jacobina, Bahia, 17 De Março De 2010.

<sup>XV</sup> Entrevista realizada com Inocêncio dos Santos (88 anos, aposentado) no dia 19/02/2013 na comunidade quilombola de Coqueiros, distante 10 km de Lagedo.

<sup>XVI</sup> PEREIRA, Raimundo Morais. *Memórias na varanda: Origens, história e estórias do município de Saúde*. – Salvador: Ed. Do Autor, 2004. p.97.

<sup>XVII</sup> Maria Isabel, também conhecida por Mariquita era filha caçula do coronel Joaquim Malta. (Esta nota não consta no original, sua introdução na citação é meramente explicativa).

<sup>XVIII</sup> Entrevista realizada com Gilberto Inocêncio dos Santos no dia 15/01/2013 em sua residência no Lagedo.

<sup>XIX</sup> MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. *Vestígios Recuperados: experiências da comunidade negra rural de Tijuacu – BA*. São Paulo: Annablume, 2009.

<sup>XX</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

<sup>XXI</sup> WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

<sup>XXII</sup> PEROGIL, Daiana. *As fronteiras do simbólico: um dialogo entre comunidades quilombolas, identidade e representação*, maio 2011. In: <http://www.eumed.net/rev/cccss/12/dp.htm>.

<sup>XXIII</sup> SANTOS, Jucélia Bispo dos. *Etnicidade e memória entre quilombolas de Irará – Bahia*. Dissertação de mestrado apresentada a UFBA, Salvador, 2008.

---

<sup>XXIV</sup> FUKUYAMA, F. O fim da História e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

<sup>XXV</sup> HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11ª. Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006, p.4.

<sup>XXVI</sup> Expressão cunhada pela historiadora Hebe Mattos na obra “Ao sul da História: lavradores pobres na crise do trabalho escravo”. São Paulo: Brasiliense, 1987.

### **Referências Bibliográficas**

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CARVALHO, José Jorge de (Org.). **O Quilombo do Rio das Rãs: Histórias, Tradições e Lutas**. Salvador: EDUFBA, 1995.

FILHO, Raphael Rodrigues Vieira. **Os negros em Jacobina (Bahia) no século XIX**. / Raphael Rodrigues Vieira Filho. – São Paulo: Annablume, 2009.

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, 368p.

GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil, (Século XVII-XIX)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11ª. Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Tradução Adelaine La Guardiã Resende ... (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: 2003.

MATTOS, Hebe Maria. **Ao sul da história: lavradores pobres na crise do trabalho escravo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios Recuperados: Experiências da comunidade negra rural de Tijuçu-BA**. São Paulo: Annablume, 2009.

MOURA, Glória. **“Os Quilombos Contemporâneos e a Educação”**. *Revista Humanidades*, n. 47, novembro de 1999. Brasília: Editora UNB, 1999.

PEREIRA, Raimundo Morais. **Memórias na varanda: Origens, história e estórias do município de Saúde**. – Salvador: Ed. Do Autor, 2004.

---

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** *Projeto História*, São Paulo, n. 15, 1997. p. 13-47.

**Prefeitura De Saúde-Ba. Secretaria Municipal Da Saúde.** Relatório Sobre A Situação Da Saúde Na Área Do Lagedo. Maio De 2009.

REIS, João José; Gomes, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, João José; Silva, *Eduardo*. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Escravos e coiteiros no quilombo do Oitizeiro – Bahia, 1806.** In: REIS, João José; GOMES, Flávio. *Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA Tomaz Tadeu da, **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** 6ª. Edição / Tomaz Tadeu da Silva (org) Stuart Hall, Kathryn Woodward – Petrópolis RJ: Vozes, 2000.